

## A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES: “O ato de alfabetizar ultrapassa o mero ler e escrever”<sup>1</sup>

**Ana Paula Rufino dos Santos**  
Universidade Federal de Pernambuco  
aprsantosufpe@yahoo.com.br

### RESUMO

O artigo em tela se propõe a refletir sobre uma concepção de educação de jovens e adultos e o lugar da cultura da mídia nos diferentes processos educacionais articulando diferentes cruzamentos entre cultura, educação e a produção de identidades. Os estudos de Costa (2006) apontam que a partir do século XX, a televisão configurou-se em um poderoso espaço de produção e circulação de significados com valor de verdades e chama a atenção para sua relação com os processos educativos. Neste sentido entendemos ser importante integrarmos a leitura da linguagem audiovisual, mais especialmente à tevê, e lançarmos um olhar reflexivo com vistas à ampliação da prática educativa para além dos muros do espaço escolar e estabelecermos assim um diálogo com o contexto social. Compartilhamos, portanto, com o entendimento de uma educação de jovens e adultos enquanto “dispositivo cultural” que, além de assegurar a aquisição da língua na perspectiva do letramento, também atua como produtora de subjetividades multidimensionais, Carvalho (2004, p. 6). Nesta medida a alfabetização de homens e mulheres na sociedade atual está também relacionada com o que acontece no interior e exterior das salas de aula (FERREIRA, 2005, p.73). Um espaço fértil de reflexão e de diálogo permanente com os domínios de problematização da cultura.

**Palavras-Chave:** Educação de jovens e adultos, Identidade, Cultura.

### ABSTRACT

The article intends to reflect the screen on a conception of youth and adults and place of media culture in different educational processes linking different intersections between culture, education and the production of identities. The studies of Costa (2006) indicated that from the twentieth century, the television set into a powerful space for production and circulation of meaning and value of truth draws attention to its relationship with the educational processes. In this sense we believe it is important to integrate the reading of the audiovisual language, more particularly, the TV, and launch a reflective look toward expanding educational practice beyond the walls of the school and have thus established a dialogue with the social context. We share, therefore, with an understanding of youth and adults as "cultural device" which, besides ensuring the acquisition of language from the perspective of literacy, it also acts as a producer of multidimensional subjectivities, Carvalho (2004, p. 6). To this extent the literacy of men and women in contemporary society is also related to what happens inside and outside the classroom (FERREIRA, 2005, p.73). A fertile space for reflection and dialogue with the areas of questioning culture.

**Keywords:** Education, youth and adults, Identity, Culture.

### Introduzindo a questão

O texto em tela se configura em uma tentativa de refletir sobre a educação de jovens e adultos e o lugar da cultura da mídia nos diferentes processos educacionais, articulando diferentes cruzamentos entre cultura e educação na produção de identidades.

Como aponta Haddad e Di Pierro (2000), no passado como no presente a educação de jovens e adultos sempre compreendeu um conjunto muito diverso de processos e práticas formais e informais relacionadas à aquisição ou ampliação de conhecimentos básicos, de competências técnicas e profissionais ou de habilidades socioculturais. Muitos desses processos se desenvolvem de modo mais ou menos sistemático fora de ambientes escolares, realizando-se na família, nos locais de trabalho, nos espaços de convívio sociocultural e lazer, nas instituições religiosas e, nos dias atuais, também com afluência dos meios de informação e comunicação.

Nossa aproximação com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) se deu a partir do contato com a realidade educacional esse campo por ocasião de algumas disciplinas do Curso de Pedagogia e atividades extracurriculares como, a atuação junto ao Programa Brasil Alfabetizado (BA)<sup>1</sup>, além de atividades de pesquisa.

As experiências vivenciadas durante a formação no curso de Pedagogia e as leituras de textos específicos sobre a mídia, sua relação com a sociedade contemporânea e o papel da educação em promover espaços de reflexão por reconhecer o adulto em processo de alfabetização como um cidadão que ocupa lugares na sociedade, nos remete a uma perspectiva de alfabetização que percebe homens e mulheres como sendo participantes de diferentes grupos sociais com acesso a vários eventos sociais, como afirma Albuquerque (2005, p.18), além das fontes de informação e entretenimento, dentre as quais está a mídia televisiva.

Estas questões sobre a mídia e o papel social da educação no espaço escolar, foram investigadas em estudo desenvolvido por ocasião da conclusão do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE no ano de 2008. Neste trabalho buscamos perceber por um lado a recepção de tramas de telenovelas pelo público feminino que constitui turmas de Educação

---

<sup>1</sup> Durante a formação da turma do BA, pudemos constatar que a telenovela aparece como componente recorrente da fala de várias mulheres que estavam sendo sondadas para formarem uma turma de alfabetização de adultos. Para esse grupo, a telenovela aparecia como elemento constituinte de seu cotidiano, e a formação de uma turma de alfabetização no horário dessa programação televisiva se constituía num complicador.

de Jovens e Adultos (EJA), e por outro perceber em que medida na prática pedagógica há algum espaço de reflexão sobre as questões de gênero considerando essa cultura da imagem.

Na atualidade o espaço escolar tem sido de fato, um lugar onde alunos e alunas em diferentes momentos sob forma de comentários ou jargões, recorrem à linguagem, personagens, questões veiculadas na tevê e na telenovela. Algumas dessas questões retomamos na discussão ora apresentada.

Essas atuações se configuraram em alguns dos elementos motivadores do interesse em compreender algumas questões ligadas ao universo da Educação de Jovens e Adultos.

O levantamento realizado por Haddad e Di Pierro (2000) sobre alguns dos processos sistemáticos e organizados de formação geral de jovens e adultos, nos permite trazer para nossa discussão, um breve panorama da educação de jovens e adultos no Brasil.

Nos anos 1950 e 1960 estão acontecendo, no campo da educação de adultos, vários debates sobre alfabetização, primeiro por iniciativa dos movimentos populares e da sociedade civil organizada no sentido de uma proposta educacional que estimulasse a colaboração, a decisão, à participação e a resposta social e política.

A alfabetização seria concebida como um ato político, de conhecimento, de criação onde o alfabetizando é sujeito ativo do processo, como está posto anteriormente. Giroux (1992, p.8) a firma que historicamente, Paulo Freire proporcionou um dos poucos modelos práticos e emancipadores sobre o qual se pode desenvolver uma filosofia radical de alfabetização e da pedagogia. Freire se constituiu então, como o único referencial próprio para a área, sendo definido conceitualmente como alfabetização de adultos de forma contextualizada, fugindo da configuração de um ensino adaptado dos materiais e metodologias do meio urbano ou semelhante aos desenvolvidos com as crianças.

Até então, o adulto não-escolarizado era percebido como um ser imaturo e ignorante, que deveria ser atualizado com os mesmos conteúdos formais da escola primária, percepção esta que reforçava o preconceito contra o analfabeto.

O Congresso repercutia uma nova forma do pensar pedagógico com adultos. No Seminário Regional preparatório ao Congresso realizado no Recife, com a presença de Freire, discutia-se que era indispensável ter uma consciência do processo de desenvolvimento por parte do povo, e da emersão deste povo na vida pública nacional como interferente em todo o trabalho de elaboração, participação e decisão, responsáveis em todos os momentos da vida pública.

A partir dessa perspectiva que devemos considerar os vários acontecimentos, campanhas e programas no campo da educação de adultos, no período que vai de 1959 até 1964, dentre outros: o Movimento de Educação de Base, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, estabelecido em 1961, com o patrocínio do governo federal; o Movimento de Cultura Popular do Recife, a partir de 1961; os Centros Populares de Cultura, órgãos culturais da UNE; a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Secretaria Municipal de Educação de Natal; o Movimento de Cultura Popular.

Com o golpe militar de 1964 foi produzida uma ruptura política em função da qual os movimentos de educação e cultura populares foram reprimidos, seus dirigentes, perseguidos, seus ideais, censurados.

Em 1969, o MOBRAL começa a se distanciar da proposta inicial, mais voltada aos aspectos pedagógicos. Passou a se configurar como um programa que, por um lado, atendesse aos objetivos de dar uma resposta aos marginalizados do sistema escolar e, por outro, atendesse aos objetivos políticos dos governos militares. Uma parcela significativa do projeto educacional do regime militar foi consolidada juridicamente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de número 5.692 de 11 de agosto de 1971, onde no capítulo IV dessa LDB que o Ensino Supletivo foi regulamentado, enquanto que a educação profissional ficou a cargo do SENAI e SENAC.

Em 1996 é aprovada a LDB 9394/96, porém, apesar do Plano Decenal ter priorizado a implementação de reformas político-institucionais para a educação pública, a sessão dedicada à educação de jovens e adultos foi insuficiente com dois artigos que, apenas reafirmam o direito dos jovens e adultos trabalhadores ao ensino básico adequado às suas condições peculiares de estudo, e o dever do poder público em oferecê-lo gratuitamente na forma de cursos e exames supletivos.

Com o FUNDEB e a inclusão da educação básica de jovens e adultos enquanto uma modalidade de ensino e nesta perspectiva, um direcionamento de recursos mesmo que insuficiente e longe do ideal, considerada uma conquista da sociedade brasileira frente às questões que parece ter uma reincidência histórica:

Chegamos, então, ao século XXI, com um índice elevado de brasileiros que ainda não têm o domínio da leitura, da escrita e das operações matemáticas básicas: são quase 20 milhões de analfabetos considerados absolutos – que nunca estiveram num espaço escolar e passam dos 30 milhões os considerados

funcionais – que chegaram a frequentar uma escola, mas, que não conseguem usar a leitura e a escrita de maneira competente. Galvão e Soares (2005, p. 49)

Este breve panorama, por um lado mostra a urgente necessidade de políticas públicas voltadas para a educação de jovens e adultos, e por outro nos convida a pensarmos numa concepção de homem e de mulher socialmente construído.

Assumimos então, uma concepção de adultos independentes e capazes de produzir conhecimento e cultura, como propõe Freire (1982) uma concepção de educação como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo como um ato criador.

### **Cultura, educação e a produção de identidades**

Segundo Giroux (1995, p. 155): “as imagens eletronicamente mediadas, especialmente a televisão e o filme, representam uma das armas mais potentes da hegemonia cultural no século XX”.

Parece-nos evidente que a sociedade contemporânea está imersa no universo audiovisual, e que grande parte das instituições educacionais não só têm ficado à margem do avanço das tecnologias de comunicação e informação, como têm mostrado dificuldade em compreender o “novo estado da cultura” – a ampliação dos espaços em que nos informamos, espaço em que de alguma forma se aprende a viver, a sentir e a pensar sobre si mesmos (FISCHER, 1976, p. 62). Ao passo que um dos aspectos fundamentais da formação de professores para o uso dos diferentes meios de comunicação, especialmente a televisão, é o que se refere ao aprendizado da própria linguagem audiovisual.

Este cenário tem sido foco de estudos curriculares no campo dos Estudos Culturais<sup>2</sup> (EC) mostrando que a sociedade contemporânea encontra-se imersa no mundo audiovisual atribuindo à mídia importância e valor enquanto meio de aprendizagem e informação de nosso tempo.

Vários pesquisadores, com base nestas referências, têm se ocupado em apontar, identificar, problematizar o lugar da cultura da mídia nos diferentes processos educacionais articulando diferentes cruzamentos entre cultura e educação.

<sup>2</sup> Os Estudos Culturais têm como uma das principais categorias de pesquisas atuais o estudo de gênero e sexualidade, além das categorias: nacionalidade e identidade nacional, pedagogia, política da estética, discurso e textualidade, cultura popular dentre outros temas numa era pós-moderna.

Costa (2006) afirma que no Brasil, a partir do século XX, a televisão configurou-se em um poderoso espaço de produção e circulação de significados com valor de verdades e chama a atenção para sua relação com os processos educativos.

Permitimo-nos afirmar que existe uma intencionalidade na produção de sentidos, significados e sujeitos sociais no discurso televisivo. Estamos direcionando nosso olhar para a tevê, enquanto produto midiático que se faz presente no contexto social da maioria dos homens e mulheres na sociedade contemporânea e que de acordo com as pesquisas realizadas por Sarlo (2000, p. 138):

Os modos pelos quais a mídia existe em nosso tempo são instauradores de uma nova ordem, (...) segundo a qual as tecnologias produzem modos de existência, estilos, que se apresentam como naturais, como imediatos, sugerindo que a familiaridade das imagens televisivas e das páginas de jornal e revistas se imponha como garantia de verdade, de afetuosa partilha de verdade, de cotidianos, e não de jogo de interpretação.

A autora afirma que é exatamente essa aparência democrática da mídia que se estabelece através das suas personagens reais e/ou fictícias com certa maneira íntima, imediata, de fácil compreensão e que torna todos os acontecimentos visíveis aos olhos, que deve servir como objeto de investigação das pesquisas educacionais.

Pensando com Fischer (1976, p. 63), há um “dispositivo pedagógico” na mídia, o qual se constrói através de uma articulação do discursivo e não-discursivo de seus produtos; que uma lógica discursiva nesses materiais, operando em direção à produção de sentidos e de sujeitos sociais; que há uma mediação sob uma relação complexa entre os produtos, de um lado e os receptores e consumidores do outro a partir da estruturação dos textos midiáticos. Nesta acepção, a autora acrescenta que a mídia não apenas veicula, mas constrói discursos e produz significados e sujeitos.

Neste sentido entendemos ser importante integrarmos a leitura da linguagem audiovisual, mais especialmente à tevê, e lançarmos um olhar reflexivo com vistas à ampliação da prática educativa para além dos muros do espaço escolar e estabelecermos assim um diálogo com o contexto social.

Diversos autores (as), tais como, Hall (2000) e Silva (1995), apontam para a cultura como elemento central na regulação dos modos de vida, chamando a atenção também para as

conexões entre cultura e mercado, cultura e consumo/produção de saberes, de bens, de imagens, de modelos, de comportamentos, de práticas.

Para Hall (2000) os textos culturais não só falam de coisas pré-existentes, mas, instituem as próprias coisas. Sobre as identidades afirma o autor que estas “resultariam de sedimentações das diferentes identificações ou posicionamentos que adotamos e procuramos vivenciar como se viessem de ‘dentro’, mas que são, sem dúvida, ocasionados por uma mistura especial de circunstâncias, sentimentos, histórias, etc” (HALL, *idem*, p. 13).

A mídia, através principalmente da tevê, tem se apresentado como um dos veículos de fixação dos modelos de identidade. Sendo assim, na afirmação de Silva (1995), é preciso problematizar, tanto a indústria cultural, quanto o currículo propriamente escolar, pois, os mesmos, em nosso trabalho, estão sendo entendidos como sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades no contexto de relações de poder.

Nestes termos, Costa (2006) afirma que, pode-se pensar que os textos televisivos põem em funcionamento mecanismos e políticas de representação do feminino. Em sua pesquisa, ao analisar a formação da subjetividade feminina de professoras e sua identidade social, aponta a pertinência em analisarmos o espaço da mídia e sua relação com a construção de identidades sociais. Pois, parece que alguns produtos da mídia escrita têm se mostrado fecundos na constituição de padrões e referências sociais.

Segundo a autora esses padrões dizem respeito ao destaque dado por certos veículos de comunicação a um comportamento de submissão pelas mulheres e exaltação a seus valores estéticos como objetos do desejo para determinados grupos sociais e a reafirmação da agressividade do homem, passando pelo campo ocupacional.

Compartilhamos da percepção de que os produtos midiáticos em seu discurso propõem representações identitárias, entendemos por representação todas as narrativas, o dizer algo sobre, o atribuir sentidos. Ao apresentar as identidades, reinventando-as a mídia estabelece assim uma esquematização das coisas com a simplificação de fenômenos culturais banalizando-os ou mistificando-os em suas narrativas.

Como já afirmamos, estamos compreendendo o adulto em processo de alfabetização como um cidadão que ocupa lugares na sociedade, e compartilhamos com uma perspectiva que percebe homens e mulheres como participantes de diferentes grupos sociais com acesso a vários eventos sociais, como afirma Albuquerque (2005), além das fontes de informação e entretenimento.

Neste caso, gostaríamos de direcionar nosso olhar para alguns dos mitos que podem ser apontados como limitadores de uma proposta educacional que permita uma atitude reflexão e de diálogo dos sujeitos com a sociedade.

O que chamamos de mitos aqui, refere-se às problemáticas ligadas à educação de adultos como aponta-nos Galvão e Soares (2005, p. 51):

[...], quando se considera que o adulto é produtor de saber e de cultura e que, mesmo não sabendo ler e escrever, estando inserido em práticas efetivas de letramento, o processo de alfabetização se torna muito mais significativo. O adulto não é um mero portador de “conhecimentos prévios”, que precisariam ser resgatados pelo alfabetizador para ensinar aquilo que quer, mas um sujeito que já construiu uma história de vida, uma identidade e cotidianamente produz cultura.

Esses aspectos representam por um lado, uma realidade desafiadora, e por outro, uma visão historicamente criada e reproduzida, e que, de alguma forma influencia o modo como interferimos e nos relacionamos com esta modalidade de ensino.

Em tempo, concordamos com Freire (1987, p. 20) quando afirma que aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra [...] e a alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura. Sendo assim, a EA não pode ser vista isolada das práticas cotidianas que acontecem dentro e fora dos espaços educacionais, nos quais o processo de aquisição da leitura e da escrita está associado à construção da identidade social, como defende Ferreira (2005, p.13).

Neste sentido, estamos pensando em um conceito de identidade como sendo algo construído a partir de certo relacionamento entre as singularidades e as diferenças. Tendo em vista que os indivíduos – homens e mulheres são pertencentes, ao mesmo tempo de vários grupos identitários, o que segundo Souza (2004, p.78-79) a constitui, os indivíduos têm suas bases individuais ou seu real, mas estas são modificadas pelo constante diálogo entre os “mundos culturais” e as identidades que lhe são apresentadas. Percebendo-se assim, como uma construção situada historicamente.

Assim, uma proposta de EJA na sociedade atual precisa considerar as questões ligadas à construção de identidades, por meio de práticas sociais de leitura e escrita na perspectiva de gênero, como sendo uma relação socialmente construída entre o masculino e o feminino e os elementos da cultura – etnia, classe social, geração, religião, sexualidade. Compartilhamos, portanto, com o entendimento de uma EA enquanto “dispositivo cultural” que, além de

assegurar a aquisição da língua na perspectiva do letramento, também atua como produtora de subjetividades multidimensionais, Carvalho (2004, p. 6). Como um espaço de reflexão das relações sociais e de modelo de homem e de mulher socialmente construídos e mediados por uma cultura da imagem:

Precisamos aprender a ler essas imagens, essas formas culturais fascinantes e sedutoras cujo impacto massivo sobre nossas vidas apenas começamos a compreender. A educação certamente deveria prestar atenção a essa nova cultura, tentando desenvolver uma pedagogia crítica que estivesse preocupada com a leitura de imagens (SILVA, 1995, p.109).

Entendemos, portanto, que a alfabetização de homens e mulheres na sociedade contemporânea está também relacionada com o que acontece no interior e exterior das salas de aula (FERREIRA, 2005, p.73). Um espaço fértil de reflexão e de diálogo permanente com os domínios de problematização da cultura.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de (org.). **Desafios da Educação de Jovens e Adultos: construindo práticas de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

CARVALHO, Rosângela Tenório. Alfabetização de jovens e adultos e interculturalidade. In: **Revista Pernambucana de educação popular e educação de adultos**. Recife, 2004, ano 3 n.4, p.9

COSTA, Marisa Vorraber. **O Magistério na política cultural**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006

FERREIRA, Andréa Tereza Brito. Ler e escrever também são uma questão de gênero. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de (org.). **Desafios da Educação de Jovens e Adultos: construindo práticas de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Estatuto pedagógico da mídia: questões de análise In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre/UFRGS, 1976, vol. 1 n° 1

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de (org.). **A Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

GIROUX, Henry A. Memória e Pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tadeu Tomaz Silva; Guacira Lopes Louro. 4ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000

SANTOS, Ana Paula Rufino dos; CARVALHO, Rosângela Tenório de. **O discurso midiático e processos de subjetivação: a telenovela como lugar de aprendizagem**. Recife: EPEPE/FUNDAJ, 2008.

SARLO, Beatriz. **Cenas da Vida Pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995

<sup>i</sup> Frase que inicia o quarto tópico do artigo: “Desafios da alfabetização de jovens e adultos: O Programa Brasil Alfabetizado em foco”, o qual apresenta os princípios educacionais básicos para o desenvolvimento da alfabetização de jovens e adultos e as orientações metodológicas que orientam as rotinas de trabalho em sala de aula.